

FILOSOFIA E ENSINO: QUESTÕES E DESAFIOS PARA O PROFESSOR DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Caio Leone de Almeida Moura Filho¹

RESUMO: Durante alguns anos a filosofia foi excluída do currículo escolar. Depois de muito tempo, a disciplina voltou a fazer parte dos parâmetros curriculares do ensino médio. Verificamos que desde seu regresso, os professores receberam a enorme tarefa de ensinar filosofia. Se depararam com grandes desafios, pois ora deveriam educar o aluno para ser cidadão, ora para discutir e relacionar os saberes filosóficos com as outras disciplinas e outras vezes aprender a filosofar para ensinar a filosofar. Nosso objetivo consiste em questionar esse caráter instrumental da filosofia e apontar para os principais desafios dos professores em salas de aula. Concluimos que atualmente vivemos numa era tecnológica onde tudo é muito rápido, prático e útil, e encontramos na filosofia um universo lento, teórico e inútil. Disso resulta um desinteresse geral pelo hábito da leitura, do pensamento e da reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Ensino; Desafios.

ABSTRACT: Philosophy was banned from Brazilian schools for some years. After a long time, the discipline came to be an

elementary curricular component in the national curricular parameters for secondary education. We have verified that since his return, the teachers received the hard work of teaching Philosophy. They faced great challenges because actually they have both educate students to be good citizens and to discuss and relate the philosophical knowledge to other disciplines. Furthermore, they have learn how to philosophize for teach his students to be able to philosophize. Our goal is questioning this “instrumental use” of Philosophy and analyze the key problems of Brazilian teachers in their classrooms. We conclude that today we are living in a technological age in which everything is very fast, practical and useful. But we found in philosophical reflection a very slow, useless and theoretical universe. This results in a general lack of interest about reading habits, of thought and reflection.

KEYWORDS: Philosophy; Secondary Education; Challenges.

A disciplina de filosofia apareceu no cenário contemporâneo da educação brasileira numa situação problema. Primeiro, a maioria dos professores de filosofia no ensino médio não são formados na área. Segundo, os nossos jovens estão interessados em se preparar para o vestibular, cursos técnicos profissionalizantes, concursos ou para o mercado de trabalho. Diante dessa realidade, falta na formação desses jovens a experiência do pensamento². Coisa que só podemos encontrar na filosofia. Diante dessa situação problema, como podemos repensar o ensino de filosofia na educação básica? Concebemos a filosofia pela negação de alguma coisa para estímulo do pensar? Será que a filosofia pode ser tomada como o estímulo ao pensamento?

Entre o fim dos anos de 1960 e início dos anos de 1970 surgiram muitas polêmicas em torno do ensino de filosofia. Se por um lado, alguns defenderam o afastamento da filosofia pela falta de seriedade e comprometimento dos professores, por outro lado, outros defenderam que a filosofia representava um perigo para os debates em torno dos problemas políticos e sociais da época. Graças ao golpe do poder tecnocrático, afastaram o “perigo da filosofia” dos currículos da educação básica brasileira. Com isso, se alojou nas escolas um pensamento dogmático a fim de evitar debates filosóficos, instalando-se ao invés de seu ensino um moralismo não-crítico. O pensamento crítico teórico e prático passou a ser desvalorizado.

Com a desvalorização da filosofia, pelas políticas educacionais vigentes da época, poucos estudantes optaram por cursar filosofia na graduação, disso resultou um pequeno número de profissionais formados na área.

Levando em consideração que no ensino médio, a maioria dos professores de filosofia não são formados na área, podemos pensar que o ensino de filosofia em algum momento deixou a desejar, tendo em vista a quantidade de profissionais habilitados e graduados na área da educação³.

Hoje o que se vê na escola é o desinteresse pela filosofia, pela reflexão e pelo pensamento. Os estudantes sentem dificuldades para escrever ou expor seus pensamentos. Não desenvolveram a arte da argumentação. Essas são algumas dificuldades que o professor de filosofia encontra nas salas de aula. Estudantes desinteressados pelo saber filosófico. A preocupação dos alunos consiste exclusivamente em saber as respostas das atividades, na maioria das vezes são apresentadas como questões objetivas, de escolha entre certo número de respostas, quando na verdade deveriam ser questões descritivas e de desenvolvimento argumentativo. Os estudantes do ensino médio querem passar de ano, se preparar para o vestibular, fazer um curso técnico profissionalizante, prestar concursos públicos ou se preparar para o mercado de trabalho. Mas quando ao tema de fazer um curso de filosofia a conversa toma um outro caminho.

São poucos os alunos interessados no exercício do pensamento, no aprofundamento e na busca por questões filosóficas. As questões que ligam os vários momentos da história da filosofia aos problemas filosóficos na maioria das vezes não aparecem nas discussões em sala de aula. Entre o senso comum e a verdade do discurso reside a concepção da maioria, a opinião alheia. O conhecimento permanece sendo algo que não desperta o interesse. O que acontece em sala de

aula, então, é o desprezo pela filosofia e pelo conhecimento. Quando se trata da formação da cidadania ou do cidadão e do exercício do filosofar, também percebemos desinteresse, inclusive porque nos debates não aparecem questões ou problemas, os alunos apenas se comprometem com as atividades, sinalizam alguns pontos necessários e persistem na tentativa de falar das coisas de forma a reproduzir ou reafirmar o senso comum.

Em todos esses aspectos, verificamos que são os professores não formados na área os que carregam a enorme tarefa de ensinar filosofia. Por tal fato, depararam-se com grandes desafios, pois ora deveriam educar o aluno para ser cidadão, ora para discutir e relacionar os saberes filosóficos com as outras disciplinas e outras vezes aprender a filosofar para ensinar a filosofar.

Permaneceu na cultura brasileira um vazio histórico em relação a esse saber. Toda uma geração foi fortemente ferida e levada a aceitar uma cultura tecnicista, cujos valores negaram o acesso ao saber filosófico. Não raro, nos deparamos com dificuldades trazidas por nossos alunos. Entre elas, podemos apontar a dificuldade de comunicação, leitura de textos, interpretação e escrita, o que, obviamente, não tem apenas a ver com a inexistência do conhecimento filosófico, mas, também, com o deficiente ensino de ciências naturais e da língua materna. (CARMINATI, 1997, p. 10).

O caráter técnico da disciplina de filosofia reside na discussão em torno da transmissão de conhecimentos. Na

verdade, quando falamos em ensino de filosofia, de certa forma falamos em transmissão de alguma coisa, porém essa relação não é necessariamente assim. Entendemos por conhecimento alguma coisa que não está pronta e acabada, mas que está sempre em transformação. Se existe mais de uma verdade, então dificilmente chegaremos ao consenso de um dia afirmar e defender uma verdade pronta e acabada, porém, com outras palavras e em contextos diferentes, podemos muito bem falar das mesmas coisas, mas em horizontes distintos.

A relação entre professor e aluno se dá em um contexto que é distinto ao dos antigos gregos, certamente, mas que por vezes permite certa similaridade. A filosofia nasceu com os gregos na tentativa de resolver problemas. Como uma dialética que transcende o senso comum para se chegar à conclusão acerca de algum conceito. No ensino de filosofia, defendemos uma verdade que não está pronta. A interpretação do texto em si, permite aos envolvidos a experiência com o pensamento de diferentes horizontes, a começar pelo sujeito, que pode ser o aluno e/ou o professor, e o diálogo entre eles. Isso proporciona uma conclusão sobre a problemática do texto que vai aparecendo ao longo da leitura, em outras palavras, surgem as possíveis interrogações.

Na obra de Gilberto Cotrim (1999, p. 44), *Fundamentos da filosofia: ser, saber e fazer*, um dos textos mais consagrados pelos professores de filosofia no país, o autor já indica um caminho para esse caráter instrumental da filosofia a partir da concepção kantiana da filosofia crítica.

Os riscos da violência, da alienação e da solidão há muitos séculos encontram um sério inimigo: o pensar crítico e racional. Atiçando homens adormecidos no

sono fácil das ideias prontas (muitas vezes manipuladas para fins egoístas), o pensamento crítico teve (e ainda tem) a filosofia como seu principal soldado. A palavra é seu principal instrumento de combate. Nascida da decepção, do espanto, da angústia, enfim, como resultado de uma situação de tensão e questionamento, a atitude filosófica é uma busca criativa de solução aos problemas intermináveis da realidade humana. Revelando os aspectos mais ricos da cultura, o filósofo constrói argumentos ou simplesmente reage ironicamente, oferecendo sátiras ou paródias, sem jamais interromper a conversação. Porque ele sabe que o “amor à sabedoria” é nunca deixar de conversar (COTRIM, G. 1999, p. 44).

Diante da bela fraseada e da parte introdutória do capítulo 3 do livro, com o título *A consciência crítica e filosofia*, não tenho muito a fazer a não ser questionar no âmbito da própria criticidade o trecho introdutório do autor. Ora, dado que, como o autor afirma, a filosofia é aquela que pode servir de apoio para alguém despertar do sono dogmático, perguntamos se a filosofia mesma enquanto atividade intelectual crítica, deve permanecer sempre direcionada ao âmbito da razão, ou seja, daquilo que por sua vez faz parte da faculdade do sujeito. Com isso ela não permaneceria como que restrita ao domínio da racionalidade? Se assim for, então, podemos afirmar que esta atitude crítica, não é mais “crítica”, e sim dogmática, pois pressupõe que o sujeito é sempre apenas consciência de alguma coisa. Quando um texto é tratado em sala de aula os alunos geralmente não percebem as questões envolvidas na discussão devido à falta de leitura dos pensadores clássicos,

da história da filosofia e da experiência com o pensamento em questão. Se existe a necessidade da reflexão filosófica para uma possível abertura do sujeito, quando se trata de usar a filosofia para despertar a consciência crítica dos alunos, então esta deveria ser a principal preocupação dos especialistas, quando na realidade se trata de outra coisa, isto é, a simples razão de usar a filosofia para fazer alguma coisa que não seja a reflexão filosófica. O que demonstra a incapacidade total de defesa para um caráter instrumental da filosofia. Diante das circunstâncias, a necessidade de repensar o ensino de filosofia aparece como a condição de possibilidade de rever os métodos utilizados na aplicação dos textos em sala de aula.

Se a maioria das pessoas não possui o hábito da leitura, então, se supõe que valha mais a tentativa de fazer alguma coisa que não seja refletir acerca dos problemas filosóficos. Por exemplo, quando se trata de pensar um conceito como o da felicidade, procura-se desenvolvê-lo através da interpretação de um texto filosófico clássico, porém, os alunos acabam por voltar o pensamento para alguma discussão acerca de um estado de ânimo ou de um objetivo que pode ser ou não alcançado por eles no futuro.

Gostaríamos de assinalar que, se a atitude filosófica, como o autor coloca é: “uma busca criativa de solução aos problemas intermináveis da realidade humana que ao revelar os aspectos mais ricos da cultura, torna possível ao filósofo construir argumentos ou simplesmente reagir ironicamente⁴⁷”. O que observamos em sala de aula com a postura de alguns professores não formados na área foi justamente o contrário. Não há um tratamento adequado da questão da verdade, tampouco acessam uma proposta investigativa aprofundada sobre ela, uma vez que os debates permanecem no âmbito da opinião alheia. Na verdade, não existe uma preocupação

com a investigação filosófica. Existe sim, além de um sono, um sonho interminável, isto é, uma não realidade no que diz respeito ao acesso aos temas propriamente filosóficos.

Diante dessa problemática, gostaria de citar um trecho do artigo de Silvio Gallo intitulado, “*Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos*”:

Na década de 1980, foram duas as principais justificativas para defender o retorno da filosofia aos currículos do ensino médio. Por um lado dizia-se que a presença da filosofia na educação dos jovens justificava-se pela necessidade de um desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes... Por outro lado, às vezes articulado com este primeiro aspecto, outras vezes não, aparecia uma segunda justificação: o caráter interdisciplinar da filosofia. Ela seria o elemento necessário para promover o diálogo e a integração entre as diferentes disciplinas do currículo... Em ambos os casos, vejo um problema. Nenhum deles afirma a filosofia por ela mesma, mas por um papel que ela deve desempenhar... Em outras palavras, ambas as justificativas impõem à filosofia um caráter instrumental. Mas há ainda um outro problema a ser apontado. O papel da filosofia seria o de apontar aos jovens certos conhecimentos filosóficos necessários ao pleno exercício da cidadania. (GALLO, 2010, p. 160).

Portanto, torna-se problemático empregar esse caráter instrumental da filosofia no ensino médio, que se pauta na afirmação da serventia da filosofia, isto é, pensar ela não por ela mesma, mas como um meio para se atingir determinado fim. Em outras palavras, a filosofia seria o meio para a cidadania, outras vezes para a conscientização das pessoas e

para despertar a criticidade dos jovens, ou ainda, para servir como ponte de diálogo entre as demais disciplinas da grade curricular.

Mas como pensar, então, a filosofia como um fim em si mesma e não como meio ou instrumento para algo? Através da negação do caráter útil da filosofia o seu ensino pode ser sinônimo de piada nas escolas de nível médio. Ao tomar como base a negação daquilo que muitos pensadores de esquerda costumam defender, acredito que chegar em uma sala de aula e dizer que a filosofia é inútil e, portanto, uma atividade intelectual que não serve para nada é ao mesmo tempo dizer que se ela não tem um fim determinado, ou seja, ela não é um meio, ela não tem um objetivo que vá além de si mesma. Por isso, poderíamos falar em uma negação total da sua utilidade, afirmando a negação da utilidade. Segundo Maura Iglésias (1986, p. 16), “Filosofia é saber pelo saber. Não sendo pois dirigida a nenhuma solução de ordem prática, ela é num certo sentido, o mais inútil de todos os saberes”.

Porém, pensar a partir da negação da própria coisa, isto é, dizendo que filosofia não serve para nada significa adentrar neste questionamento procurando tornar claro que ela não necessita desse papel instrumental porque ela não pertence a este gênero, não pertence à filosofia exercer-se enquanto algo útil e isso não é uma carência de sua parte. Neste momento, o professor que tem a preocupação em defender a importância do pensamento, da filosofia e do filosofar como atividade fundamental para a formação dos estudantes fica bastante desconfortável em afirmar tal negação já que ele próprio não vê nada além de sua forma crítica e interdisciplinar, na maioria dos casos.

Contudo, pensaremos a filosofia, como disse Silvio Gallo, ao modo grego da antiguidade. Não estamos preocupados em

dizer se ela serve ou não serve, se ela tem de ser ou não ser. Antes disso, é preciso pensar nela como um fim em si mesma e no ensino de filosofia como uma experiência conceitual. Assim, seria objetivo do professor despertar nossos jovens para a experiência do pensamento em questão, da filosofia em si mesma, procurando não encontrar respostas, mas sim criar interrogações.

Concluimos que atualmente vivemos numa era tecnológica onde tudo é muito rápido, prático e útil, e encontramos na filosofia um universo lento, teórico e inútil. Disso resulta um desinteresse geral pelo hábito da leitura, do pensamento e da reflexão além de uma tendência tecnicista no ensino da disciplina, principalmente para aqueles que tem um contato não aprofundado com a Filosofia e suas questões.

NOTAS

¹Graduando em Filosofia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista Pbic/Cnpq. E-mail: leone.micro@gmail.com.

²Se, falta consciência crítica na formação de nossos jovens não é exclusivamente por causa da filosofia. O desenvolvimento dessa competência não deve ser empregada somente no contexto filosófico, mas também no contexto de outras disciplinas, que também podem ajudar na crítica do conhecimento sistematizado.

³A constatação do número insignificante de professores devidamente habilitados para lecionar essa disciplina (5%) foi, em alguns momentos, utilizada como argumento por aqueles que questionavam o seu retorno às escolas do ensino médio.

⁴Cf. COTRIM, G. *Fundamentos da filosofia: ser, saber e fazer*. 1999, pp. 44 — 55.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: ed. Moderna, 4ª edição, 2009.

BUZZI, Arcângelo R. *Filosofia para principiantes: a existência humana no mundo*. São Paulo: ed. Vozes, 16ª edição, 2000.

CARMINATI, C. J. *O ensino de Filosofia no II grau: do seu afastamento ao movimento pela sua reintrodução*. Florianópolis: SEAF, 1997.

CARVALHO, M; DANELON, M. *Filosofia: Ensino médio*. In: Coleção explorando o ensino, vol. 14. Brasília: ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: ser, saber e fazer*. São Paulo: ed. Saraiva, 14ª edição, 1999.

GALLO, S. *Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos*. In: Coleção explorando o ensino, vol. 14. Brasília: ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

IGLÉSIAS, M. *O que é filosofia e para que serve*. In: REZENDE, A. Curso de filosofia. Rio de Janeiro: Zahar editor, 1986, pp. 11-17.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª edição, 2007.

MARCONDES, D. *Textos básicos de Ética: de Platão à Foucault*. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2007.